

# Arqueologia História

Volume nº 58|59 - 2006|2007

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses

In Memoriam

Teresa Gamito  
João José Fernandes  
Gomes



# Ruínas arqueológicas de São Miguel de Odrinhas: a propósito da campanha de 1997

Catarina Coelho  
Arqueóloga, Câmara Municipal  
de Sintra.

A primeira referência feita sobre Ruínas de São Miguel de Odrinhas<sup>1</sup> remonta ao século XVI. Porém, «apesar dos múltiplos artigos e notas consagrados a estas ruínas ao longo de mais de 400 anos, verifica-se afinal que ainda bem pouco sobre elas verdadeiramente se sabe» (Ribeiro, 1993, p. 110), apesar da bibliografia publicada quer sobre o sítio arqueológico, quer sobre a coleção epigráfica conservada no Museu epónimo, referida mais adiante. Por vezes os estudos sobre cada um daqueles temas misturam-se sendo indissociáveis uns dos outros.

---

<sup>1</sup> Classificadas como Imóvel de Interesse Público (Dec. 42692, DG 276 de 30.11.1959), localizam-se em torno da Igreja de São Miguel de Odrinhas, na Freguesia de São João das Lampas, no Concelho de Sintra, numa área de altitude média de 170 m (Lat: 38.53' 15" N, Long: -9.22'00" W).

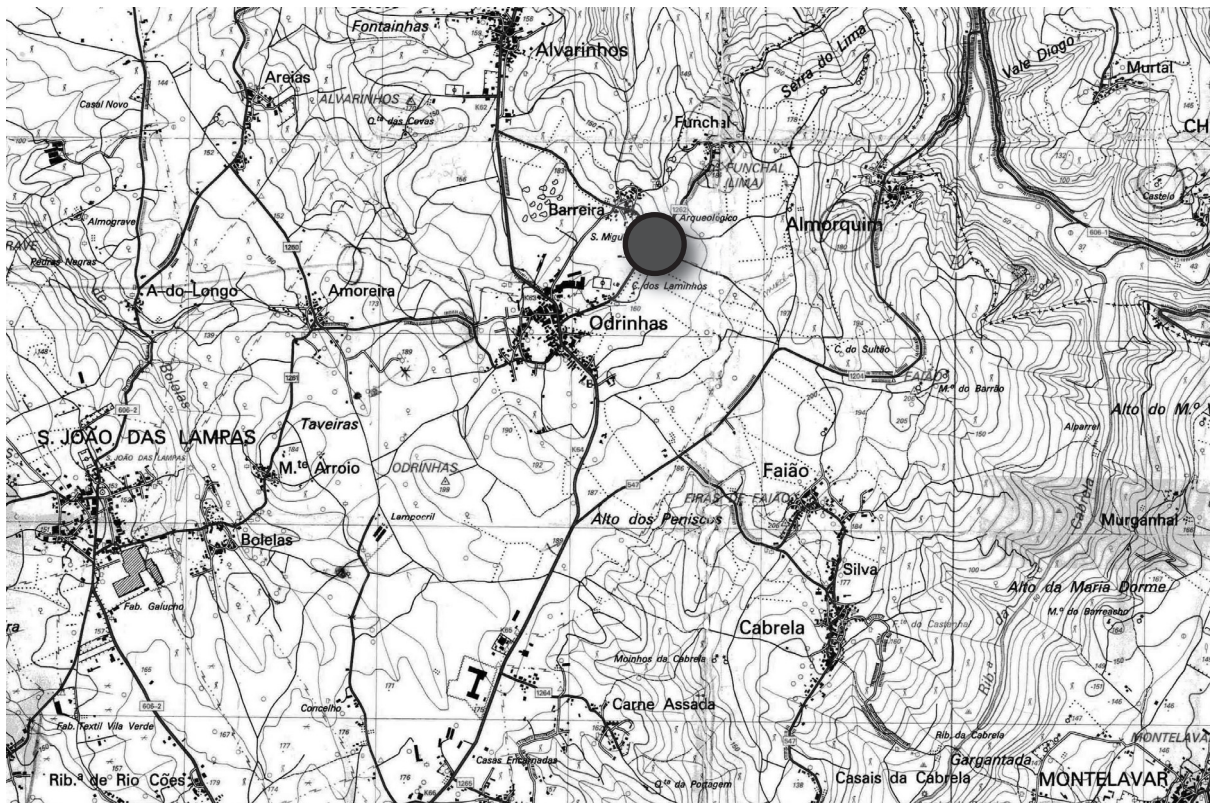


Figura 1 - Localização das Ruínas de São Miguel de Odrinhas (Extracto da Carta Militar de Portugal, fl. 402, ed. 1992).

No que respeita ao sítio arqueológico propriamente dito importa, sobretudo, referir que a larga diacronia de ocupação registada se encontra dispersa pelos diversos estudos elaborados em torno da ocupação romana especificamente da *domus* da *villa*, dos vestígios de uma ocupação tardo-antiga e/ou alto medieval do espaço – quase sempre integrados em sínteses mais alargadas sobre o tema –, e, ainda, da transformação do núcleo de *habitat* no campo santo medieval/moderno da Igreja dedicada a São Miguel, para além da bibliografia específica relacionada com o edifício religioso.



Figura 2 - Perspectiva geral da necrópole medieval/moderna de São Miguel de Odrinhas, antigo edifício de apoio à área museológica e espaços ajardinados (vista de NE, década de 1980; Arquivo do MASMOM).

Próximo das ruínas da *villa* romana localiza-se a designada via romana São Miguel de Odrinhas-Faião, cujo início do troço se encontra a menos de 100 metros em linha recta do núcleo habitacional e, ainda, a (eventual) necrópole romana do Almarjão, a cerca de 300 metros, onde em 1960 num terreno situado junto à mesma estrutura viária, e na sequência de trabalhos agrícolas mecanizados, se recolheu uma inscrição funerária romana, hoje em exibição na exposição permanente do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

As primeiras escavações são levadas a cabo, em

1949, sob a orientação de Camarate França, numa área a Nascente da capela-mor da Igreja de São Miguel. Durante estes trabalhos identificou-se para além de um troço de muro, uma sepultura com tampa e caixa pétreas, no interior da qual permaneciam duas inumações, que se sobrepunham a outra estrutura sepulcral, mas de planta antropomórfica.

Só em 1957 se dá início às

escavações sob orientação de D. Fernando de Almeida, altura em que foram postos a descoberto os vestígios de uma necrópole medieval dos séculos XIII-XV.

Os dois artigos editados acerca destes trabalhos totalizam as publicações efectuadas sobre os mesmos, pelo que nada mais chegou até nós, pois, muito embora seja referido, desconhece-se a existência de cadernos de campo e/ou relatórios destas campanhas arqueológicas.

Todavia, foi possível registar, para além de toda a planta da estrutura absidal que desde sempre se impunha a Norte da igreja de São Miguel, um conjunto variado de paredes pertencentes à *domus* de uma *villa*, um mosaico policromo, que cobria a totalidade do chão de uma das salas, bem como testemunhos de outros compartimentos com o mesmo tipo de pavimento, e ainda um tanque de *opus signinum*, reaproveitado na época medieval para a inumação de dois indivíduos.

A intervenção arqueológica da década de 1950 revelou um importante conjunto de sepulturas medievais dos séculos XIII-XV, que se verificou estarem implantadas sobre as estruturas da *domus* da *villa* romana. As sepulturas, num número total de 40, com orientação E-O tinham como base a própria rocha calcária ou vestígios de *opus signinum*, correspondente às anteriores ocupações do espaço. Estas equivaleriam, pois, a uma *villa* romana tardia, dos séculos III/IV, construída aparentemente sobre os vestígios uma outra *villa* do século II.

Assim, e de acordo com o espólio aqui exumado, já no séc. I a. C. terá existido em São Miguel de Odrinhas um núcleo populacional que, certamente, estará na origem da *villa*, cujo primeiro período de apogeu terá aparentemente ocorrido em torno do século I e inícios do II. Posteriormente ter-se-á assistido a uma fase de estagnação apenas superada nos finais do século III, altura em que terá aparentemente ocorrido a edificação de uma estrutura ‘apalaçada’, própria das *villae* áulicas. Este momento corresponderá à primeira fase defendida por Broguiolo e Chavarria (2008, p. 195) segundo a qual “a partir de finales del siglo III y a lo largo de todo el siglo IV se assiste a una gran reorganización de la estructura administrativa y territorial del Imperio que dio lugar en el campo a la monumentalización de los edificios residenciales de algunas grandes explotaciones rurales”. Os vestígios estruturais actualmente visíveis, concretamente a abside – seguramente com uma cobertura abobadada –, o pavimento mosaico e os muros circundantes que compartimentam todo o espaço, pertencem já a esta

etapa prolongando-a pelo século IV, o que virá a ser também comprovado pelo conjunto de espólio então recolhido. Até ao momento apontava-se um período cerca do século V para a derradeira etapa de decadência e extinção da *villa* romana de São Miguel de Odrinhas.

O estudo dos fragmentos vítreos exumados em 1957 regista um predomínio das produções baixo-imperiais, concretamente do século IV (Ferreira, 1997).

Por outro lado, a análise estilística efectuada sobre o pavimento de mosaico de São Miguel de Odrinhas remete para ambientes da 1ª metade do século IV (Caetano, 1997, 63-82), para além de destacar “que a originalidade do mosaico de Odrinhas reside também na articulação dos vulgares nós-de-Salomão e quadrilóbulos entrançados que preenchem os quadrados – emoldurados por tranças de dois cabos –, para a qual não foi recolhido qualquer paralelo” (Caetano, 1997, p. 69).

Durante a intervenção de meados do século XX foi exumado um conjunto de tesselas avulsas na área da abside, bem como um reduzido fragmento de mosaico – com tesselas de dimensões mais diminutas que as restantes – junto ao nicho nascente, testemunhando deste modo a existência de revestimentos musivos neste espaço específico da *domus*. Saliente-se a recolha de cerca de uma centena de tesselas vítreas, ainda que se desconheça a área específica da sua origem. Para alguns autores estes vestígios poderão relacionar-se com uma cobertura monumental da sala da abside, com paralelos em outras estruturas romanas como o mausoléu de Centcelles (Tarragona), datável também do século IV. Para outros, surge a hipótese mais simples de apenas fazerem parte de motivos decorativos mais elaborados dos painéis de mosaicos das salas da *domus*.

Para além deste tipo de pavimento foram identifi-



Figura 3 - Perspectiva geral do pavimento de mosaico que cobre um dos compartimentos da *domus* de São Miguel de Odrinhas (vista de Sul).

cados diversos vestígios de *opus signinum* que, embora por vezes fracturado, permaneciam ainda *in situ*.

Independentemente da colecção numismática depositada no Museu Nacional de Arqueologia, conserva-se no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas um conjunto composto por quatro centenas e meia de peças variadas. Dos numismas recolhidos destacam-se moedas de Graciano, Teodósio e Galieno, entre vários exemplares medievais portugueses (desde D. Sancho II a D. Sebastião, bem como alguns exemplares avulsos da 4ª dinastia).

O conjunto artefactual caracteriza-se, ainda, pela presença de inúmeros fragmentos de cerâmica comum e de importação, de vidro, artefactos de metal, osso polido e péticos, escória de fundição de ferro, fragmentos de estuque, de *opus signinum*, alguns exemplares fracturados de azulejos hispano-árabes, vestígios de mosaico remobilizados, tesselas policromas avulsas e artefactos de sílex.

Destaca-se também a recolha de um grande capitel romano, de influência síria, de cronologia tardia, integrado no aparelho de um muro auxiliar de suporte do campanário da igreja, construído de forma independente desta.

Após a realização dos trabalhos levados a cabo nas décadas de 1950/60 na área arqueológica em torno da

igreja de São Miguel de Odrinhas, efectuaram-se, sob a orientação de D. Fernando de Almeida, restauros e reconstruções das estruturas romanas segundo critérios altamente discutíveis, produzindo uma realidade algo complexa e desconexa, porquanto muitos desses muros aparecem agora imbricados nos sepulcros medievais.

Simultaneamente foram efectuados restauros na estrutura absidal, concretamente através da colmatação da grande lacuna existente no quadrante norte da mesma, para além da reconstrução e regularização dos topos dos 'braços' da abside, consentânea com a interpretação de basílica paleocristã defendida por D. Fernando de Almeida (Figs. 4 e 5). Uma vez privilegiada a tese oficial desta funcionalidade desconhece-se, porém, se houve remoção de eventuais vestígios menos óbvios que permitissem fazer uma abordagem diacrónica da mesma, tendo em conta a tese que defende que "entre los siglos V y VI se verifica el final del modelo de las villas. Estos complejos son abandonados o, como máximo, presentan indicios de reocupaciones marginales (postes de cabañas, hogares, basureros) que indican un cambio en el tipo de población instalada en estos edificios" (Broguilo e Chavarría, 2008, p. 195-196).

Em 1959/60 procede-se à construção de um alpendre em torno das ruínas e anexo ao edifício principal do primitivo Museu (inaugurado em 1955). Apesar do encerramento lateral desta estrutura para albergar a crescente colecção epigráfica que começava a extravar o limite do edifício museológico e área envolvente, todo o local permanecerá incólume até à intervenção agora em análise

No âmbito da campanha de restauro do imóvel da Igreja de São Miguel, levada a cabo em 1988, sob a orientação de José Cardim Ribeiro e Élvio Melim de Sousa, foi aberta uma sondagem no adro Sul da Igreja. No decurso destes trabalhos identificaram-se 40 sepulturas, tendo apenas oito sido integralmente escavadas. Tal como as restantes identificadas a Norte e a Nascente do templo, foram construídas directamente sobre os estratos e estruturas romanas. Contribuindo, ainda, para a caracterização dos vestígios romanos deste sítio arqueológico, foi aparentemente identificado um hipocausto, caracterizado por uma estrutura de *suspensura*, associada a outros compartimentos relacionados com a *domus* romana. Estes indícios poderão corresponder a uma eventual estrutura termal, ou simplesmente à existência de uma sala aquecida.

A necrópole medieval/moderna encontra-se maioritariamente orientada no sentido E-O, à excepção das sepulturas identificadas em torno da estrutura absidal,



Figura 4 - Abside de São Miguel de Odrinhas em 1907 (Pereira, 1914, p. 324-362).



Figura 5 - Estrutura absidal de São Miguel de Odrinhas, meados do século XX antes da intervenção arqueológica (Arquivo do MASMO).

seguindo radialmente a mesma. De um modo geral, as sepulturas seguem modelos já registados em necrópoles coevas, designadamente a correlação das estruturas tumulares com as paredes do edifício religioso. Efectivamente, coloca-se a hipótese das sepulturas registadas radialmente à volta da estrutura absidal, sem a orientação canónica a Nascente, pertencerem a uma fase mais arcaica da necrópole, articulada com a tese da abside poder ter albergado uma primitiva igreja, eventualmente dedicada a São Miguel, anterior à que actualmente existe. Aliás, o muro ortogonal a NE da estrutura absidal, que aparentemente apresenta uma orientação e construção distinta dos restantes compartimentos da *domus*, poderá estar relacionado com uma possível primitiva ocupação cristã alto medieval. Apenas uma nova intervenção arqueológica nesta área específica poderá vir a esclarecer as dúvidas levantadas.

O espólio antropológico identificado nas sepulturas escavadas permaneceu no seu interior, pelo que só mais tarde, em 1999 e 2005, foi dado início ao estudo paleoantropológico desta colecção osteológica, sob a responsabilidade da Dra. Teresa Fernandes do Departamento de Biologia da Universidade de Évora. De acordo com os resultados preliminares desta investigadora existem cerca de 450 sepulturas, 229 das quais com um índice de utilização de 5,44 durante um período de apenas 200 anos.

Atestou-se um elevado índice de ocupação de cada sepultura, não existindo sepulcros específicos para indivíduos com idades inferiores a 10 anos. A dimensão generalizada das sepulturas indicia a sua construção para inumação original de indivíduos adultos.

Na globalidade o espólio osteológico apresentava mau estado de conservação, com perda de ossos e muita fragmentação do conjunto (sobretudo das intervenções anteriores a 1997).

Tratava-se, na sua maioria, de indivíduos adultos, cerca de 95% com mais de 20 anos, 50 % dos quais seriam masculinos. A população adulta apresentava no conjunto um elevado índice de robustez denotando-se, porém, um grande dimorfismo sexual ao nível da estatura.

Dada a grande longevidade apurada para os indivíduos adultos desta colecção, verificaram-se poucos vestígios de lesões, a ausência de dentes e sinais de patologias degenerativas associadas à idade (artroses)<sup>2</sup>.

### **Intervenção arqueológica**

A campanha de trabalhos arqueológicos realizada

em 1997 pretendia verificar a incidência, ou não, de impactes patrimoniais negativos junto de eventuais vestígios arqueológicos remanescentes das ruínas romanas e medievais anteriormente identificadas.<sup>3</sup>

A construção dos novos edifícios para as instalações da Paróquia, nomeadamente a casa mortuária e as salas de apoio à catequese, projectada para a área imediatamente adjacente às ruínas de São Miguel de Odrinhas, bem como de um novo troço do alpendre confinante com o já existente, exigiu a prévia realização de trabalhos arqueológicos imprescindíveis e, inclusivamente, solicitados pelo ex-I.P.P.C. aquando da candidatura do Projecto do novo Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas aos fundos comunitários PRODIATEC.

Assim, estabeleceram-se como principais objectivos: a identificação de possíveis vestígios e/ou estruturas arqueológicas conservadas nas áreas a afectar pelas novas construções, a sua caracterização e a eventual preservação e/ou integração das realidades postas a descoberto no âmbito do novo projecto arquitectónico.

Os trabalhos decorreram, pois, em alguns momentos simultaneamente com a obra de construção dos novos equipamentos, pelo que o acompanhamento foi assíduo e constante.

### **Área I**

De acordo com as características específicas determinadas no projecto de construção implantou-se, inicialmente, uma área com cerca de 80 m<sup>2</sup> (20 m X 4 m) junto ao limite sul das ruínas arqueológicas, que se passou a designar por *Área I*. Para este espaço estava prevista a construção da nova secção do alpendre. A primeira zona de intervenção foi sendo progressivamente alargada pela identificação e remoção de algumas estruturas que exigiram o prolongamento da mesma, para melhor compreensão das realidades postas a descoberto, designadamente de sepulturas registadas em áreas de corte.

Foi, então, identificado um conjunto de oito sepulturas, implantadas na sua maioria na extremidade poente desta área. Afectado pela construção destes túmulos registou-se um troço de muro [UE 11] e respectivo derrube [UE's 12 e 30], pertencentes a uma fase de ocupação da *villa* romana. Porém, não foi possível observar a presença de quaisquer outras estruturas

<sup>2</sup> Dados divulgados na conferência apresentada pela Dra. Teresa Fernandes na Associação dos Arqueólogos Portugueses a 5 de Abril de 2008).

<sup>3</sup> Participaram nos trabalhos arqueológicos, dirigidos pela signatária, técnicos e auxiliares de Museografia dos Serviços de Arqueologia, Arte e Etnografia da, àquela data, Divisão do Património Histórico-Cultural da Câmara Municipal de Sintra.

associadas, perfazendo eventualmente um compartimento, dadas as alterações pós-deposicionais provocadas pela implantação da necrópole medieval, bem como pela plantação de algumas espécies arbóreas neste local específico

Merece especial destaque o reconhecimento de uma estrutura negativa [UE 43] escavada directamente no calcário base, cuja funcionalidade defendemos ser a de cloaca da *domus* de São Miguel de Odrinhas.

No decorrer dos trabalhos no terreno, e após terem sido demolidos o edifício do antigo Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas e parte do alpendre que lhe estava adossado, alargou-se a área de intervenção à zona onde aqueles imóveis estavam implantados.

A escavação na área específica do antigo MASMO para a qual estava prevista a construção do imóvel das salas da catequese foi realizada com a ajuda de meios mecânicos, através de um “bob-cat”. Uma vez que nos trabalhos de demolição, acima referidos, se havia registado o aparecimento da rocha de base logo à superfície, procedeu-se ao estabelecimento de dois corredores de sondagem, um com 26 m<sup>2</sup> (2 m x 13 m) – *vala 1* – e outro com 39 m<sup>2</sup> (3 m x 13 m) – *vala 2* –, paralelas à sondagem da designada área I. Outras duas valas, com 56 m<sup>2</sup> cada (4 m x 14 m) – *valas A e B* –, foram abertas perpendicularmente àquelas, interceptando desta forma a zona a sondar.

Para além disso, a observação prévia do terreno registou que na zona leste das ruínas arqueológicas, postas a descoberto em meados do século XX, a rocha de base se encontra a uma cota muito superficial não tendo sido ali preservadas quaisquer estruturas arqueológicas, excepção feita à vala de drenagem agora identificada [UE 43].



Figura 6 - Edifício do antigo Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, canteiros fronteiros e espólio lapidar pertencente à colecção do mesmo (década de 1980; Arquivo do MASMO).

## Área 2

Em simultâneo, foi intervencionado um outro local, para o qual o projecto de arranjos exteriores do novo Museu previa a construção de um muro no terreiro a Sul da Igreja de São Miguel de Odrinhas. Neste novo espaço denominado *Área 2* foram apenas sondados 35,52 m<sup>2</sup> (0,80 m x 44,40 m), relativos exclusivamente à vala de implantação do referido muro.

As estruturas identificadas resumem-se aos alicerces do coreto contemporâneo deslocado em meados do século XX, do adro nascente da Igreja de São Miguel onde se realizaram as campanhas de trabalhos arqueológicos, para o espaço fronteiro à fachada sul da ermida e, ainda, à estrutura romana [UE 43] de condução de águas descoberta na *Área 1*.

## Estruturas e estratigrafia

A realidade identificada no decorrer da intervenção na designada *Área 1* traduz uma forte e permanente perturbação de eventuais estruturas e estratigrafia conservadas, porquanto se registou um grande revolvimento dos estratos arqueológicos, bem como a intrusão de materiais medievais e modernos em contextos aparentemente conservados de época romana. Pensamos que tal se justifica pela prolongada utilização do espaço exterior da Igreja de São Miguel durante uma larga diacronia, com sucessivas alterações da envolvente, desconhecendo-se *a priori* a totalidade das respectivas preexistências (cfr. Fig. 14).

O local onde se encontrava implantado o antigo Museu, edificado em 1955, abrangido pelas denominadas *valas 1 e 2* da *Área 1* não revelou quaisquer vestígios conservados, factor resultante da afectação do subsolo aquando da construção do mesmo.

A este propósito, no catálogo do MASMO de 1960 refere-se “o (...) pilar que apareceu entre as casas velhas que foram demolidas para a construção do Museu” (Fontes, 1960, p. 28). Esta informação revela-se muito importante, uma vez que constitui a única menção à presença de construções na área onde foi edificado o edifício do antigo MASMO, cuja existência poderá, pois, justificar a recolha de espólio maioritariamente de Época Moderna e Contemporânea nos estratos depositados imediatamente sobre a rocha de base nesta zona específica.

No espaço compreendido entre os 8 e os 12 metros para Nascente da *Área 1* registou-se a total ausência de

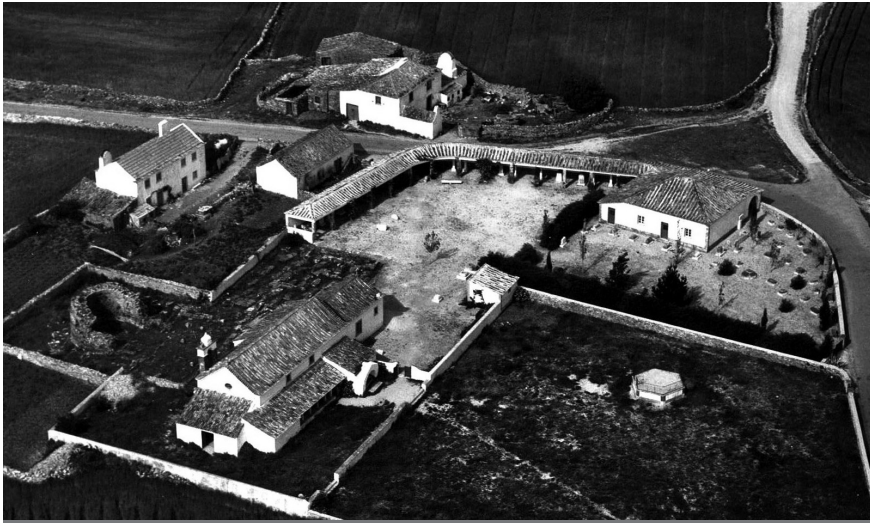


Figura 7 - Perspectiva geral do lugar de São Miguel de Odrinhas, englobando igreja, museu e ruínas arqueológicas (vista de SW; início da década de 1960; Arquivo do MASM).)

da *villa* romana (excepcionalmente um troço da fossa de escoamento de águas [UE 43]). De facto, os materiais arqueológicos exumados, muito embora apresentem um bom estado de conservação, integram aparentemente depósitos sem qualquer correlação estrutural. Sabemos, actualmente, que fronteiro à zona poente da Área 2 foi identificado, em 2006, um poço e um muro (ao nível do alicerce) atribuíveis à ocupação romana de São Miguel

de Odrinhas. Estruturas arqueológicas. Nesta zona em concreto verifica-se o assentamento da UE [2] directamente sobre o calcário de base.

A realidade observada na Área 2 permite-nos afirmar estarmos numa zona limítrofe do núcleo central do sítio arqueológico, dado não terem sido identificados vestígios estruturais quer da necrópole, quer

de Odrinhas.

Assim, as estruturas identificadas nas duas zonas intervencionadas resumem-se ao alicerce do coreto contemporâneo, a oito sepulturas medievais/modernas, a um troço de muro romano e à cloaca da *villa*, estrutura negativa escavada directamente no calcário base.

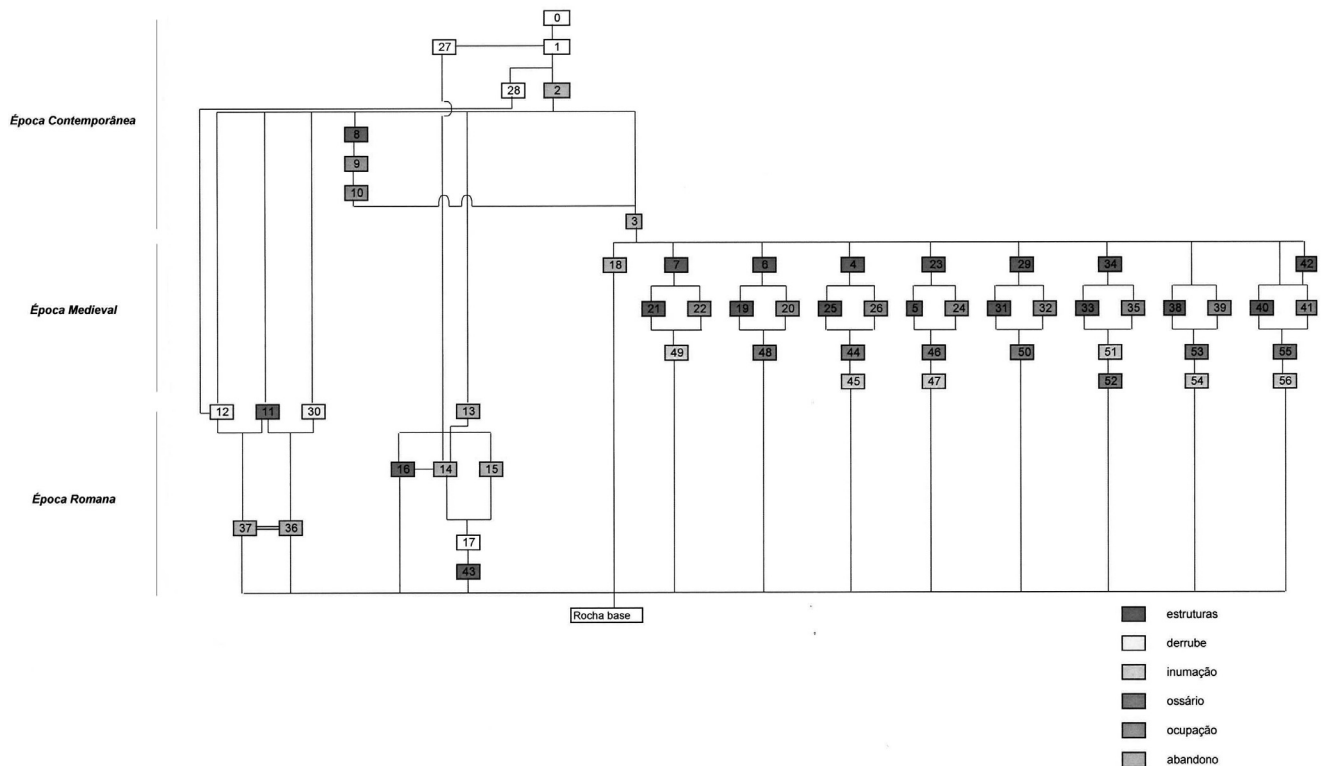


Figura 14 - Matriz estratigráfica da intervenção arqueológica de 2007.

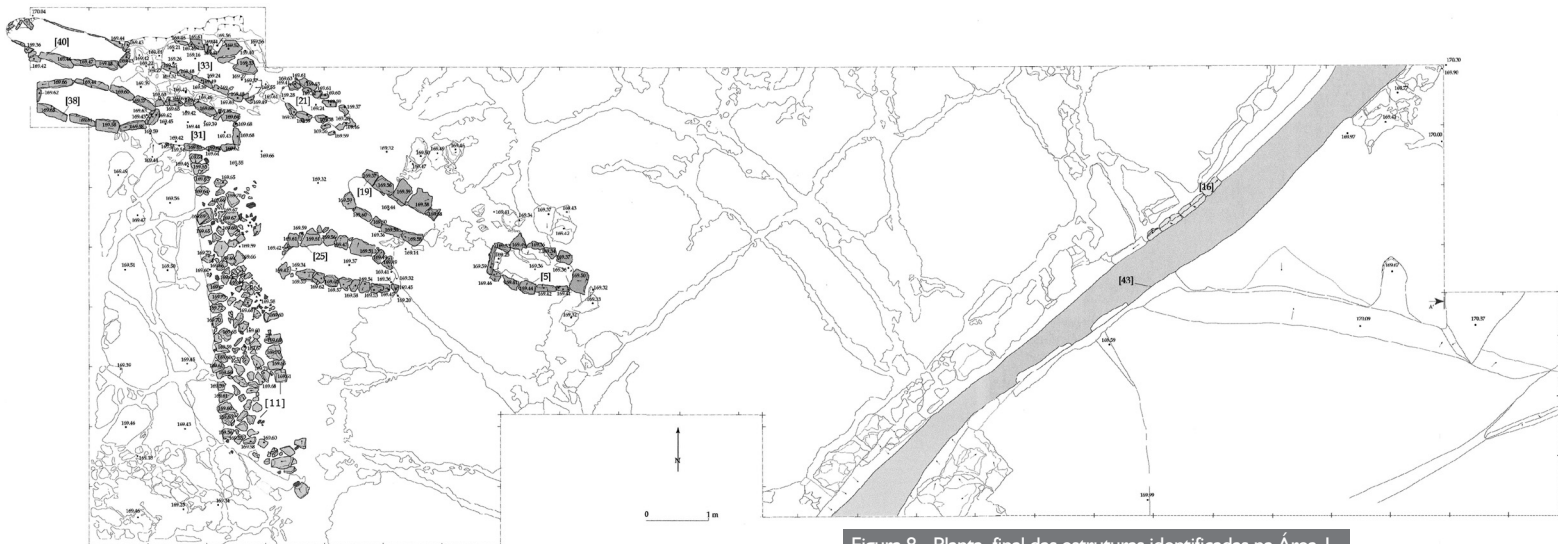


Figura 8 - Planta final das estruturas identificadas na Área I.

### Estruturas diversas

Junto ao limite poente da *Área I* identificou-se um troço de muro que se desenvolvia no sentido N-S, delimitado por pedras calcárias de média dimensão em ambas as faces, composto por um enchimento mais irregular do mesmo tipo de matéria-prima, sem vestígios de argamassa. Apresentava uma largura média de 1,30 m e um comprimento máximo conservado de 5,70 m. O topo sul do muro encontrava-se parcialmente destruído pela fossa de implantação de uma árvore (posteriormente removida para dar continuidade aos trabalhos de escavação e de construção dos edifícios). No limite norte esta estrutura romana foi afectada pela deposição dos enterramentos medievais, em particular pela sepultura nº 5 [UE 31], não existindo por isso ligação visível entre o muro [UE 11] e as restantes paredes romanas da *villa* (cfr. Fig. 8).

Trata-se, porém, de uma estrutura similar aos restantes muros pertencentes à casa romana baixo-imperial, eventualmente relacionado, pela proximidade, com as estruturas identificadas por Camarate França, em 1949, a Nascente da capela-mor (cfr. Fig. 13). Apresenta, para além da mesma orientação, espessura idêntica (largura entre os 0,75 m e 1 m) ainda que ligeiramente mais espessa.

Associados a esta estrutura encontraram-se dois depósitos [UE's 12 e 30] identificados como derrube/abandono do compartimento ao qual aquela parede pertenceria, compostos por pedras de média e pequena dimensão, bem como fragmentos de telha de cronologia diversa. O conjunto artefactual recolhido nestas áreas revela uma certa homogeneidade a nível da cronologia romana, apresentando-se porém

alguns dos fragmentos cerâmicos muito rolados.

Simultaneamente sob as duas camadas anteriores [UE's 12 e 30] e o muro [UE 11] registou-se a presença de um depósito [UE's 36 e 37] composto por abundantes materiais arqueológicos, na sua maioria fragmentos cerâmicos e duas tesselas, de cronologia variada, mas com especial incidência para a época romana. A intrusão de materiais modernos e contemporâneos deverá ficar a dever-se ao facto de a zona a poente do muro em causa ter sido perturbada quer pelo plantio de árvores, quer pela construção de muros e edifícios contemporâneos. Porém, trata-se de uma unidade estratigráfica composta na sua maioria por um conjunto homogêneo de fragmentos cerâmicos atribuíveis aos séculos II-IV.

Deste modo, a estrutura referida como UE [11] deveria estar relacionada com uma ocupação mais tardia da *villa* de São Miguel de Odrinhas, se tivermos em conta a sua edificação sobre ambientes onde foram exumados alguns materiais baixo-imperiais.

Ainda no espaço da *Área I* foi identificado um alinhamento de quatro blocos de calcário paralelepípedicos [UE 16], com extensão máxima conservada de 1,46 m, aparentemente sem qualquer relação com a vala de escoamento de águas, no limite poente da qual se localizava (cfr. Fig. 8). Porém, junto a esta realidade registou-se uma camada de terras [UE 14] com abundantes telhas de meia-cana, entre fragmentos de cerâmica e outros materiais arqueológicos, na sua maioria atribuíveis a ambientes tardo-romanos, a que inicialmente foi dada a designação de derrube. Se se considerar a presença da UE [16] podemos eventualmente pensar neste alinhamento de pedras como um vestígio de uma possível edificação da qual só restam quatro blocos pétreos do

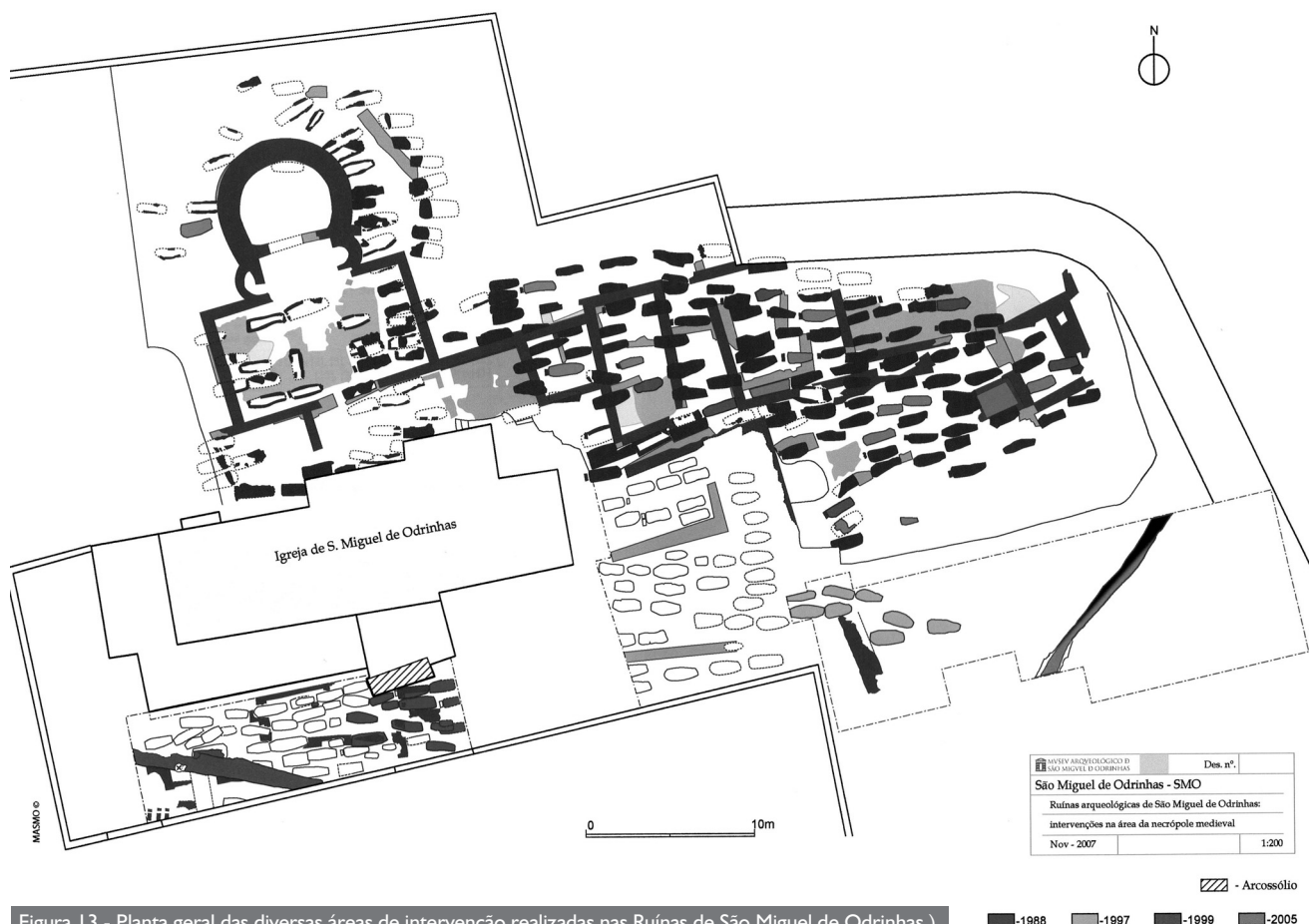


Figura 13 - Planta geral das diversas áreas de intervenção realizadas nas Ruínas de São Miguel de Odrinhas.)

alicerce e as telhas que compunham a cobertura. No entanto, esta UE [16] poderá corresponder tão só e apenas a um remate da parede poente da cloaca da *villa*, funcionando como reforço da mesma numa área onde a rocha de base se encontrava a uma cota mais profunda (cfr. infra).

Na denominada *Área 2* foi identificado parte do alicerce do coreto [UE 5] existente no terreiro sul da Igreja de São Miguel, onde foi edificado o novo muro de divisão integrado nos arranjos exteriores do novo complexo museológico. Aquela estrutura apresentava uma planta em arco de círculo (0,70 m de largura x 1,30 m de comprimento) com uma espessura conservada de 0,30 m).

### Estruturas hidráulicas

A identificação de uma estrutura de drenagem das águas recolhidas na *villa* romana constitui, sem dúvida, a maior novidade registada durante a intervenção em apreço, porquanto todos os restantes dados identificados estabelecem um prolongamento das realidades anteriormente postas a descoberto.

No limite nascente da área arqueológica registou-se uma estrutura [UE 43] escavada na rocha calcária, de perfil troncocónico invertido (Fig. 9), que se encontrava colmatada por estratos de terras com abundante espólio arqueológico e múltiplos restos faunísticos [UE's 13, 14, 15 e 17].

De facto, o volume de materiais arqueológicos recolhidos no interior desta estrutura representa 17,6% da totalidade do conjunto exumado, o que nos levou a avançar a hipótese de estarmos na presença de uma lixeira, derradeira fase de utilização de uma estrutura com fins hidráulicos na sua funcionalidade original.

Esta estrutura encontra-se escavada no substrato calcário. Do ponto de vista geológico, o subsolo de São Miguel de Odrinhas assenta num substrato rochoso de «calcários e margas (“Belasiano”）」<sup>4</sup>. Tais características morfológicas puderam ser observadas no decorrer da intervenção arqueológica, pela identificação de níveis de margas e argilas estéreis imediatamente depositados sobre a rocha de base, pela abertura como é o caso de estruturas negativas no substrato brando de calcário e,

<sup>4</sup>(*Carta Geológica de Portugal*, Esc. 1:50000, fl. 34-A, ed. 1991)



Figura 9 - Perspectiva geral da cloaca da *villa*. Destaque-se a sua continuidade para Sul, sob os canteiros fronteiros ao antigo edifício do Museu, cujas árvores permanecem no mesmo local na actualidade (vista de Norte).

ainda, pela utilização de lajes e blocos da mesma matéria-prima quer na construção das sepulturas medievais, quer na edificação dos muros romanos.

Esta estrutura atinge uma profundidade que varia entre 0,75 m e 1 m, uma largura média de 0,80 m, tendo sido intervencionada numa extensão de 11,6 m na *Área 1* e apenas 0,92 m na *Área 2* onde, como já vimos, também se registou um pequeno troço conservado. Inclusivamente, o esgoto da *villa* alcança a Sul da Igreja uma profundidade menor (0,42 m) do que na *Área 1*, justificando-se este facto pela diferença altimétrica verificada entre as duas zonas, mais elevada no espaço das ruínas arqueológicas já musealizadas. Pelas características morfológicas e tipológicas observadas defendemos tratar-se da grande cloaca da *villa* de São Miguel de Odrinhas.

Sensivelmente a cerca de 400 metros para Sul das ruínas arqueológicas, e numa zona de altimetria média de 160 metros, corre uma linha de água afluyente da Ribeira do Falcão, para onde certamente seriam conduzidas as águas residuais provenientes da *villa*.

Assim, numa primeira fase dá-se a construção/utilização da conduta de esgoto, etapa que deverá estar relacionada com a estruturação da *villa* romana de São Miguel de Odrinhas por volta do século II. Posteriormente, a contracção e o eventual abandono de algumas estruturas da *villa* áulica terão proporcionado o afastamento da função original desta cloaca, que passou a ser utilizada como lixeira, pois os materiais arqueológicos exumados no interior da grande vala de esgoto apontam genericamente para uma cronologia do Baixo-Império.

Finalmente, não são visíveis vestígios da cloaca na área musealizada das ruínas, uma vez que esta vala deverá progredir sob o alpendre que delimita o espaço arqueológico a Nascente.

Voltando à questão da UE [16], de acordo com uma leitura mais centrada na estrutura hidráulica em si, é possível afirmar que este alinhamento de pedras poderia corresponder ao reforço da parede da cloaca, num local onde o calcário base se encontra mais degradado. Desta forma, poder-se-ia pensar que a UE [14] corresponderia a uma camada na qual subsistiriam os vestígios da cobertura do grande esgoto da *villa*, que neste caso poderia ser composto por *imbrices*.

Todas as estruturas identificadas foram removidas e desmontadas, à excepção da cloaca da *villa* [UE 43]. Neste caso procedeu-se à cobertura da mesma com rede-sombra a 90%, sobre a qual foi depositada uma camada de inertes e, posteriormente, construído o troço do alpendre a Sul, que encerra o recinto das ruínas arqueológicas já musealizadas.

### Sepulturas

A intervenção em análise permitiu exumar um conjunto de oito sepulturas, em tudo (orientação, tipologia, morfologia e estado de conservação do espólio antropológico) semelhantes às identificadas em campanhas anteriores, concretamente 1949 (Camarate França), 1957-58 (D. Fernando de Almeida) e 1988 (J. Cardim Ribeiro e E. Melim de Sousa).

Efectivamente, os túmulos registaram-se na totalidade junto ao limite poente da designada *Área 1*, num espaço com cerca de 36 m<sup>2</sup>, em perfeita continuidade com o campo santo já anteriormente identificado. Verificou-se, justamente, que para Sul e Nascente da zona intervencionada não foram registados quaisquer sepulcros pelo que, aparentemente, não existiram ou não se conservaram vestígios da necrópole nesta área específica.

As características tipológicas e morfológicas são comuns a todas as estruturas. Recorreu-se à matéria-prima local, blocos e lajes calcárias, na construção das coberturas e caixas das sepulturas. O substrato rochoso constitui a base das mesmas. Foi, no entanto, possível individualizar algumas particularidades no conjunto dos sepulcros intervencionados (Anexo I; Figs. 10 a 12).



Figura 10 - Pormenor da inumação em decúbito dorsal [UE 47] da sepultura 2 (vista de Leste).

Na generalidade todas as sepulturas foram colmatadas com as terras existentes no local onde foram implantadas. Deste modo, a presença de espólio cerâmico de época romana, bem como algumas tesselas, deve-se ao facto de estarmos na presença de uma necrópole medieval embutida nas ruínas de uma *villa* romana.

No que respeita à dimensão do campo santo, não existem dados concretos. Não obstante, há a notícia de, em meados do século XX, terem sido identificados indícios de sepulturas aquando do alargamento da estrada que circunda as ruínas a Nordeste. De facto, fala-se na recolha de algumas estelas discóides, não se apurando a sua proveniência exacta, nem a que se exemplares da colecção do MASMO se referem especificamente (Cfr. fig. 13).

Por outro lado, nos finais da década de 1970, José Cardim Ribeiro registou alguns vestígios de sepulturas e respectivo material osteológico, durante a abertura de uma vala para instalação de cabelagem eléctrica – cuja existência (UE [3]/A2) se registou inclusive no decorrer da intervenção da vala de sondagem da denominada *Área 2* –, sensivelmente em frente ao arcosólio da Igreja de São Miguel de Odrinhas, no terreiro meridional. Assinalou que os vestígios desapareciam a cerca de 15 metros para Sul dessa mesma zona.

Na área da intervenção de 1988 parece não subsistirem sepulturas a Sudoeste do

grande muro moderno que atravessava essa zona (assinada a castanho na Fig. 13). A campanha de escavações realizada em 2006 efectuada para Sul desta área revelou a ausência de estruturas sepulcrais, pelo que o limite meridional da necrópole dever-se-á localizar na zona escavada em 1988.

Finalmente, toda a área a Poente da Igreja de São Miguel foi prévia e integralmente sondada, em 1992, para a edificação do novo complexo museológico, não tendo sido registadas quaisquer sepulturas. Desta forma, o limite oeste da necrópole dever-se-á confinar ao muro fronteiro à fachada



Figura 11 - Perspectiva geral do espólio osteológico identificado no interior da sepultura 1 (vista de Leste).



Figura 12 - Perspectiva geral da inumação em decúbito supino [UE 56] identificada no interior da sepultura (vista de Leste).

poente da ermida, advindo que a diferença altimétrica entre o espaço intramuros e a área exterior do actual Museu é superior a 1 metro, justificando assim a ausência de estruturas conservadas neste último espaço.

De acordo com os dados disponíveis apenas deverão subsistir vestígios conservados da necrópole para Norte, para o terreno vizinho, e para Poente da estrutura absidal, tendo como limite o espaço ocupado pelo novo Museu.

Tal como já referimos anteriormente, o estudo antropológico ficou, *a posteriori*, a cargo da Dra. Teresa Fernandes, uma vez que à data (1997) a legislação não exigia o acompanhamento antropológico das intervenções efectuadas em necrópoles. Porém, em 1998, o Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas/Câmara Municipal de Sintra estabeleceu um protocolo de colaboração com o Instituto de Ambiente e Vida da Universidade de Coimbra, com o objectivo de estudar o espólio antropológico exumado, até então, nas necrópoles do concelho de Sintra e em reserva no Museu, pelo que a colecção de São Miguel de Odrinhas integrou a Dissertação de Doutoramento (ainda indisponível) da supracitada académica. No âmbito deste mesmo estudo, os dados radiométricos entretanto obtidos para o espólio antropológico exumado na sepultura 1 [UE's 44 e 45] apontam uma cronologia em torno do século XIII para a utilização da mesma.

### Espólio

O conjunto artefactual recolhido durante a intervenção arqueológica realizada agrupa-se, no que respeita à morfologia e tipologia, em seis grandes grupos, concretamente cerâmica, metal, vidro, material lítico, osso

polido e restos faunísticos. O espólio exumado traduz, por outro lado, as diversas fases cronológicas de deposição destes mesmos vestígios arqueológicos na área intervencionada.

Para além dos abundantes fragmentos de cerâmica e numismas de Época Moderna, corresponde ao Baixo-Império o grande conjunto de artefactos de época romana exumados na presente campanha de trabalhos arqueológicos.

### Cerâmica

O grupo dos artefactos cerâmicos constitui claramente o mais abundante de todo o espólio exumado. É, igualmente, sobretudo através da análise deste conjunto, pelas suas características tipológicas e morfológicas, que se podem estabelecer limites cronológicos para os diversos contextos estratigráficos registados em São Miguel de Odrinhas.

Para uma maior facilidade interpretativa reunimos os materiais cerâmicos em dois grupos distintos, concretamente a cerâmica de revestimento e os recipientes de utilização quotidiana, quer de cozinha, quer de mesa, quer ainda de transporte e armazenagem.

Registaram-se, simultaneamente, inúmeros fragmentos de telhas, designadamente *imbrices*, tanto modernos como romanos, de diferentes dimensões e espessuras.

### Cerâmica de revestimento

Enquadram-se nesta categoria os três fragmentos de azulejos hispano-árabes exumados na designada *Área 1*. Embora muito fragmentados, apresentam motivos vegetalistas de coloração verde e azul, elaborados a partir da técnica de aresta (Fig. 25).

De acordo com alguns estudos elaborados acerca das Igrejas matrizes de São João das Lampas, Montelavar e Terrugem, nos quais se equipara inclusive os seus revestimentos azulejares aos do frontão do altar-mor da Igreja de São Miguel de Odrinhas, atesta-se que este último poderá, justamente, pertencer ao conjunto de produções sevilhanas do século XVI difundido por diversos templos rurais sintrenses (Simões, 1958, p. 6-9).

A recolha destes fragmentos de azulejos hispano-árabes num



Figura 25 - Fragmentos de azulejos hispano-árabes.

estrato caracterizado pela enorme heterogeneidade cronológica do espólio reunido [UE 2] comprova, por um lado, o contexto de revolvimento do mesmo, e por outro testemunha quer a realização de diversas obras de beneficiação do edifício da igreja de São Miguel em diferentes épocas, evidenciada aliás anteriormente pelo reaproveitamento de cantarias manuelinas nos paramentos do imóvel, quer pela existência provável de algumas estruturas imobiliárias numa área em torno da ermida.

### **Cerâmica utilitária**

Optámos, no que diz respeito aos fragmentos cerâmicos atribuíveis à Época Moderna, por apenas contabilizar o número de existências, por se tratar de elementos claramente intrusivos, quer por actividades relacionadas com as utilizações sepulcrais, quer pelas campanhas de obras verificadas nesse mesmo período na igreja de São Miguel de Odrinhas.

De entre os fragmentos vidrados com claras características da Época Moderna, destaca-se a presença de escudelas meladas, malgas com esmaltado branco, alguidares vidrados a verde, alguns dos quais com reflexos metálicos, formas fechadas vidradas a verde no exterior e meladas na superfície interna, e diversos fragmentos de faiança com decoração a azul cobalto e motivos combinados com traços de manganés. Todos são enquadráveis num período compreendido entre os séculos XV-XVII, com claros paralelos a outros contextos coevos do território sintrense, concretamente conjuntos cerâmicos exumados no subsolo da denominada Vila Velha de Sintra. Existem, porém, fragmentos vidrados claramente contemporâneos e que deverão estar relacionados com a contínua utilização do espaço, igualmente, ligada às campanhas de melhoramento dos imóveis ali existentes.

Os materiais modernos estão, seguramente, relacionados com as campanhas de obras manuelinas efectuadas na igreja de São Miguel de Odrinhas.

Será de salientar que, aparentemente, as pastas dos fragmentos cerâmicos de Época Moderna são compostas por uma maior percentagem de componentes não plásticos de origem micácea comparativamente com a observação macroscópica feita sobre os fragmentos cerâmicos de Época Romana. Tal facto testemunhará, ao nível das produções locais, uma evidente distinção dos barreiros utilizados na produção cerâmica dos dois períodos considerados.

A tipologia cerâmica adoptada na descrição dos fragmentos romanos recuperados resulta da articula-

ção das classificações de Jeannette Nolen (1985) e Inês Vaz Pinto (2003). Deste modo, existem algumas designações que são exclusivas da primeira autora, como são disso exemplo os *púcaros*, forma que, entretanto, se encontra incluída na tipologia dos potinhos da segunda proposta classificativa. As cronologias apontadas derivam, igualmente, das tipologias apresentadas em ambos os estudos. Porém, tivemos mais em conta as propostas de Vaz Pinto, uma vez que neste estudo existe uma procura de dados cronológicos paralelos com outros sítios arqueológicos, para além de constituir uma análise de uma colecção recolhida num contexto idêntico de uma *villa* romana e não de necrópoles.

A cerâmica comum romana recolhida durante a campanha em apreço apresenta características reunidas em dois grandes *grupos*:

- a) cozeduras e arrefecimentos redutores,
- b) cozeduras e arrefecimentos oxidantes.

As cerâmicas do *grupo a)* apresentam-se associadas a recipientes de cozinha e de armazenamento, de cariz mais grosseiro.

As cerâmicas do *grupo b)* são correlacionáveis com recipientes de cozinha e de mesa. As pastas são, na globalidade, muito mais porosas e de coloração laranja vivo. Alguns dos exemplares mais “duros”, com pastas cremes e cremes alaranjadas, parecem corresponder a produtos exógenos a esta região.

Quer o *grupo a)* quer o *grupo b)* encontram paralelos em outros sítios romanos do território sintrense, como as *villae* romanas de Santo André de Almoçageme, da Granja dos Serrões e o sítio arqueológico de Colaride. Confirma-se, também, a sua identificação no espólio proveniente das escavações antigas de São Miguel de Odrinhas. As cerâmicas do designado *grupo a)* são também semelhantes a outros contextos romanos do actual território português, nomeadamente alentejanos.

Podemos, ainda, considerar um terceiro *grupo c)*, caracterizado por fragmentos de cerâmica cinzenta, bem depurada e normalmente sem engobe. No conjunto artefactual analisado, este grupo é claramente residual.

No que respeita ao estado de conservação, os materiais cerâmicos exumados na designada *Área 2* apresentam um grau bastante superior ao verificado no conjunto recolhido na *Área 1*. Esta situação resultará, aparentemente, da ausência de sepulturas ou quaisquer outras estruturas, posteriores à época romana, na vala do muro, localizado no terreiro sul da igreja, exceptuando a zona específica de implantação do antigo coreto. A área mais a Poente desta vala apresenta um conjunto



Figura 17 - Fragmentos de cerâmica de uso comum romana.



Figura 20 - Fragmentos de cerâmica com aplicações plásticas figurativas.

Classificação por fabrico	Nº exemplares
TS Hispânica	20
TS Sudgálica	1
TS Clara	54
TS Clara A	4
TS Clara A/D	6
TS Clara C	5
TS Clara D	7
TS Clara (?)	8
TS Foceense tardia	9
Total geral	114

Quadro I - Distribuição dos fragmentos de *terra sigillata* por origem/tipo de fabrico.

cerâmico coeso e homogêneo em termos formais e tipológicos. Curiosamente, atestamos a quase total inexistência de fragmentos de *terra sigillata* neste local. Tal facto poderá justificar-se por estarmos hipoteticamente numa área distinta da *villa*, eventualmente na zona *rustica*. À data do presente estudo sabemos já tratar-se de uma zona onde foi escavado um poço, para além da identificação de alguns muros e caleiras, o que ajudaria a confirmar a presença neste local de um espaço laboral/oficinal da propriedade romana.

Ascende a 1075 o número de fragmentos cerâmicos classificados como de uso comum, integrando-se neste grupo os utilizados para cozinhar, confeccionar e comer/beber (Figs. 17 e 20), isto é panelas, potes, bilhas, púcaros, tigelas, pratos, alguidares, almofarizes, etc.

Os exemplares fragmentados de produções de *terra sigillata* integram o conjunto da denominada cerâmica de mesa. Neste grupo assiste-se, como seria de esperar, ao predomínio das produções de *terra sigillata* norte-africana, confirmando a intensa utilização desta propriedade no Baixo-Império. Destaca-se ainda a recolha de sete fragmentos de produções foceenses tardias que atestam a exten-

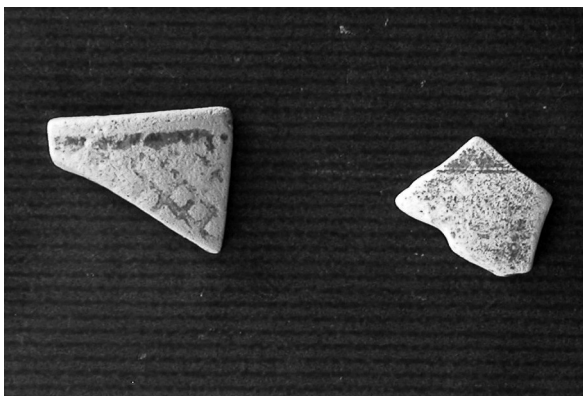


Figura 16 - Fragmentos de cerâmica de paredes finas com decoração a barbotina.

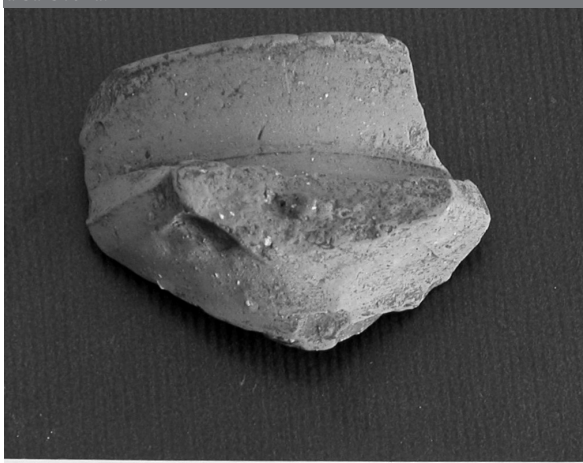


Figura 18 - Fragmento do bocal e arranque de asa de ânfora da classe 29.

são da ocupação da área da *villa* romana de São Miguel de Odrinhas até pelo menos meados do século VI (Fig. 19).

A recolha de quatro fragmentos de cerâmica de paredes finas (Fig. 16) enquadra-se perfeitamente nos ambientes mais antigos da ocupação romana de São Miguel de Odrinhas, já anteriormente comprovada no conjunto artefactual analisado, concretamente das ânforas.

O conjunto anfórico estudado em 1982-83, apenas 12 fragmentos, representa uma selecção do conjunto correspondente à totalidade de fragmentos desta tipologia. Nesta listagem predominavam as produções de preparados de peixe (75%), na sua maioria, aparentemente, do vale do Sado, em detrimento dos contentores oleários (Pimenta, 1982-83, 117-150).

A colecção exumada na presente intervenção distribuiu-se por distintas cronologias e tipologias/conteúdos exprimindo-se da seguinte forma:

Classificação <sup>5</sup>	Nº de peças
Classe 22 (Almagro 50)	4
Classe 23 (Almagro 51 C)	10
Classe 16 (Dressel 7/11)	1
Classe 19 (Beltran IIB)	1
Classe 20 (Dressel 14)	2
Classe 25 (Dressel 20)	4
Classe 29 (Galoise 3)	1
Classe 3 (Dressel 1A)	2
Indeterminada	8
<b>Total Geral</b>	<b>33</b>

Quadro 2 – Distribuição dos fragmentos de ânfora por tipologia

Assim, tal como já havia sido testemunhado, observa-se uma preponderância dos contentores de preparados de peixe. Por outro lado, os fragmentos de ânforas vinárias correspondem a uma ocupação mais antiga da propriedade (Fig. 18), o que poderia supor a eventual produção local de vinho durante o Baixo-Imperio, época em que a *villa* de São Miguel de Odrinhas terá atingido o seu maior esplendor. Trata-se efectivamente de uma hipótese, muito frágil, dado o carácter diminuto da amostra recolhida, por um lado, e a ausência de outros vestígios artefactuais relacionados com este tipo de produção, por outro. Curiosamente, pertence à colecção epigráfica do MASMO um peso prismático de lagar, porém, de azeite (SMO/LR/55/22).

Outro tipo de peça cerâmica corresponde a um fragmento de base rectangular de peso de tear. Também estes artefactos se encontravam já contabilizados nas campanhas anteriormente realizadas em São Miguel de Odrinhas – concretamente através do registo de 35 exemplares, três dos quais com marca –, não sendo por isso de estranhar esta ocorrência. Porém, destaca-se apenas que o exemplar em causa foi recolhido na denominada Área 2, para a qual temos vindo a avançar a hipótese de ali se concentrar uma zona da propriedade romana de cariz mais oficial.

Apenas foi recolhido um fragmento de disco de lucerna, num contexto de revolvimento [UE 2]. Do mesmo modo, compõem as reservas do MASMO 8 fragmentos variados de lucernas provenientes das escavações antigas realizadas em São Miguel de Odrinhas.

Existe ainda um conjunto significativo de 53 artefactos, pertencentes à denominada classe das malhas de jogo, muitas vezes também associadas a opérculos. Todos os exemplares se encontram completos e elaborados a partir de *imbrices* ou recipientes de cerâmica

<sup>5</sup> (Peakock e Williams, 1986)



Figura 22 - Tampas (ou malhas) em calcário..

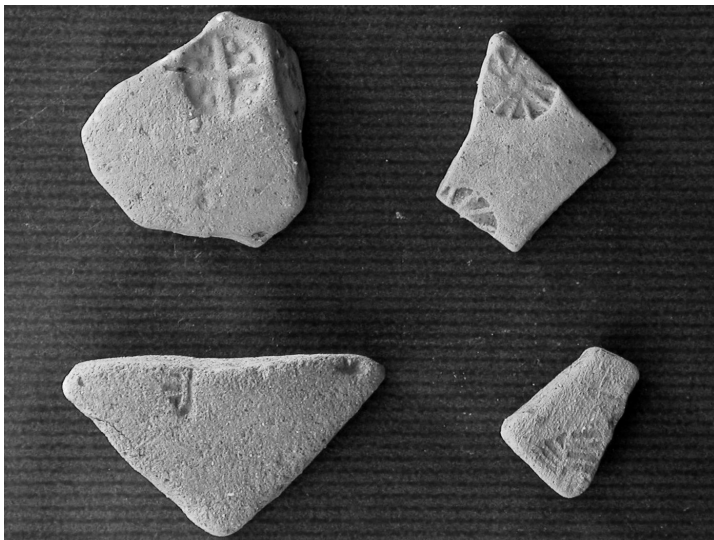


Figura 21 - Fragmentos de cerâmica de uso comum com decoração estampilhada.



Figura 23 - Fragmentos de parede de cerâmica de uso comum com cordões plásticos digitados.

comum. Porém, a sua presença foi registada em quase todos os contextos estratigráficos, exceptuando as estruturas tumulares, pelo que se torna muito difícil atribuir-lhes uma cronologia precisa. Para mais, algumas das peças são claramente efectuadas sobre telhas de meia-cana de fabrico moderno. Foram igualmente recolhidos diversos artefactos desta tipologia, mas feitos em suportes de calcário e arenito (Fig. 22).

O conjunto de cerca de trinta fragmentos cerâmicos enquadrados em ambiente alto-medievais, merece especial realce, pelo facto de pela primeira vez terem sido identificados materiais cronologicamente atribuíveis aos séculos VII-X. Testemunham, justamente – ainda que sem qualquer correlação estrutural e estratigráfica –, uma ocupação do espaço, não sabemos ainda com que características, durante este período específico. Destacam-se os fragmentos decorados com cordões plásticos digitados e pinturas a cru, de entre fragmentos de cântaros, púcaros e painéis com asas elevadas acima da linha do bordo, paredes caneladas, asas fitiformes etc. (Figs. 21, 23 e 24).

Deste modo – tendo ainda em atenção os dados cronológicos obtidos com os fragmentos de *terra sigillata* foceense tardia –, terá de se excluir a tese do abandono total e efectivo das estruturas baixo-imperiais de São Miguel de Odrinhas, devendo-se doravante equacionar um conjunto de questões relacionadas com distintas alterações funcionais dos espaços, bem como com uma abordagem diversificada das populações aos mesmos (cfr. Broguiolo e Chavarría, 2008, p. 198).

Finalmente, assinala-se a recolha residual de oito fragmentos de cerâmica manual pré-histórica, disseminada por diversas unidades estratigráficas, ou seja claramente remobilizados. Atestam a permanência, já anteriormente registada, de grupos humanos durante a Pré-história recente em São Miguel de Odrinhas, bem como a destruição desses mesmos contextos.

Classificação	Cronologia/Reinado	Nº de moedas
Dinheiro	D. Sancho II; D. Afonso III/D. Dinis; D. Fernando	18
1/2 Real cruzado	D. João I	1
Real de 3/2 libras	D. João I	2
Ceítal	D. Duarte; D. Afonso V; D. João II/D. Sebastião	19
X centavos	1925; 1949	2
Indeterminada		30
<b>Total geral</b>		<b>72</b>

Quadro 3 – Distribuição cronológica/tipológica dos numismas exumados

### Vidros

De todo o conjunto exumado os artefactos vítreos constituem o grupo de maior dificuldade de classificação cronológica e tipológica, porquanto do total de 52 exemplares, 31 correspondem a fragmentos de parede. Porém, identificaram-se 17 bordos de taça, 1 de garrafa, 1 de copo e, ainda, um botão de Época Contemporânea.

Destaque para a recolha de uma tessela vítrea fragmentada de cor verde-esmeralda, muito embora em ambientes de remobilização [UE 2]. Como vimos anteriormente, também, não é original a identificação deste tipo de peça nos contextos arqueológicos de São Miguel de Odrinhas.

### Metal

O espólio metálico recolhido nesta campanha divide-se em dois conjuntos fundamentais, as moedas e os artefactos do quotidiano.

No primeiro grupo destaca-se a reunião de 20 numismas romanos e de 72 exemplares medievais e modernos.

Relativamente às moedas medievais e modernas, a sua recolha justifica-se pela presença da necrópole coeva. Ainda que em apenas uma das sepulturas intervencionadas tenha sido possível identificar um numisma na mão da inumação ali depositada (sep. 7, [UE 54]), certo é que os exemplares recolhidos confirmam as balizas cronológicas já previamente aferidas para a ocupação do cemitério de São Miguel de Odrinhas. De facto, se exceptuarmos os 30 exemplares de classificação indeterminada, estatisticamente observa-se a existência de

Cronologia	Nº moedas
3º quartel Séc. III	2
Finais do Séc. IV	9
Exemplar ilegível (Moeda?)	9
<b>Total geral</b>	<b>21</b>

Quadro 4 – Distribuição cronológica dos numismas romanos exumados

dois grandes grupos cronológicos, um aproximadamente entre 1223-1383, e outro mais significativo centrado nas cunhagens da segunda dinastia. Tal realidade pode uma vez mais vir a comprovar-se através da leitura histórica do sítio, sobre-

tudo se atentarmos, por um lado, à existência de um local de culto no século XIII em São Miguel de Odrinhas e, por outro, à grande campanha de obras manuelinas que certamente deverá ter conferido alguma centralidade à igreja de São Miguel.

Quanto à colecção numismática de época romana, estudada por José Ruivo (a quem se agradece a classificação), observa-se que dos 21 exemplares recolhidos apenas 11 possibilitaram leitura. Estes apresentam cunhagens baixo-imperiais, nove das quais atribuíveis a finais do século IV. Estes nove numismas merecem especial atenção, uma vez que se encontravam reunidos num orifício do substrato calcário, denunciando a presença de um pequeno depósito, confirmado posteriormente pela coesão cronológica dos exemplares.

As balizas cronológicas atestadas, bem como a concentração de peças em torno do século IV, confirma os dados disponíveis nas anteriores campanhas arqueológicas efectuadas em São Miguel de Odrinhas.

O segundo grupo artefactual considerado agrupa diversificado espólio metálico associado quer às actividades do quotidiano, quer à estruturação das próprias construções. Difíceis de individualizar cronologicamente identificaram-se pregos e dobradiças de ferro, de entre chapas (cobre, ferro, prata, chumbo e zinco), uma argola, um arame, uma faca, fíbulas e fivelas, um botão e uma medalha.

Foram, ainda, recolhidos alguns pingos que se associaram a escória de fundição. Porém, não afastamos a hipótese de poderem ser quatro pequenos pesos esféricos.

### Líticos

O espólio lítico, à semelhança do restante conjunto artefactual, reflecte a grande diacronia de ocupação do sítio arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

De facto, registaram-se diversas lascas, lamelas, restos de talhe e nódulos de sílex (Fig. 15), a par de fragmentos de machado de anfibolite polida claramente associados à ocupação pré-histórica deste local. Igualmente os percutores, os seixos e um movente manual.

Para além disso, recolheram-se diversas *tesselae* de colorações distintas (pretas, brancas, cinzentas, amarelas e rosadas), em exclusivo na denominada *Área 1*, claramente remobilizadas do seu suporte original, testemunhando a destruição de pavimentos musivos quer pela implantação da necrópole medieval/moderna, quer pela edificação de diversas estruturas desde a própria ermida aos imóveis anexos ao antigo museu.

Alguns fragmentos de mó fazem, também, parte do conjunto artefactual pétreo, muito embora a sua classificação cronológica seja indefinida. São elementos de mó elaborados sobre suportes de basalto, granito e calcário. Este último exemplar poderia inclusivamente fazer parte não de um instrumento de moagem, mas antes de um elemento arquitectónico como uma pequena pia ou algo similar.

Finalmente, registaram-se ainda cinco malhas de jogo talhadas em calcário, cuja funcionalidade já foi discutida anteriormente. Refira-se, contudo, que não se trata de uma novidade, uma vez que este tipo de artefactos já havia sido exumado nas escavações de 1957, conservando-se nove exemplares na reserva do MASMO.

Um outro conjunto, ainda que composto apenas por dois exemplares, diz respeito a tampas circulares de calcário que muito provavelmente serviam de opérculos de potes ou de outros pequenos contentores.

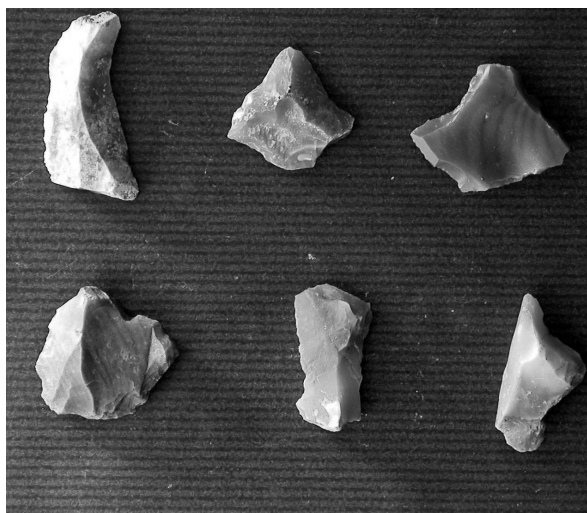


Figura 15 - Artefactos de pedra lascada.

### Restos faunísticos

A recolha de fauna mamalógica e malacológica verificou-se quase na totalidade na designada *Área 1*. Com efeito, o espólio exumado na *Área 2* era visivelmente residual.

Registaram-se fragmentos de ossos longos, planos, costelas, mandíbulas e dentes soltos de mamíferos de pequeno e grande porte, nos contextos de evidente revolvimento e remobilização [UE's 0, 2 e 3], destacando-se, contudo, pela especificidade os estratos da lixeira depositados no interior da cloaca da *villa*, perfazendo 25,8% da totalidade da amostra. Não obstante o deficiente grau de conservação deste material osteológico, a identificação da espécie e robustez dos indivíduos poderá vir a ser passível de classificação.

Constatou-se, de igual modo, a presença de fauna malacológica, concretamente *patella* (lapa), *ostrea* (ostra) e *cassis saburon* (búzio) nos contextos estratigráficos acima referidos. Certamente não será desprezível a proximidade da costa atlântica para a recolha deste tipo de componentes da dieta alimentar, ainda bastante activa na actualidade.

### Acerca das diferentes interpretações da estrutura absidal

Aparentemente a classificação da abside de São Miguel de Odrinhas como pertencendo a uma basílica paleocristã (Almeida, 1958) resulta da comparação simples da sua planta com outros modelos de igrejas paleocristãs, sem atender pormenorizadamente ao contexto do edifício onde a mesma se encontra inserida, sem uma análise de conjunto da totalidade das estruturas que lhe estão associadas. Essa mesma funcionalidade é defendida por Pedro de Palol (1967), que no entanto adianta a construção absidal de Odrinhas para os séculos VI ou VII d. C..

Distante repousa a classificação de templo romano defendida desde André de Resende até aos inícios do século XX.

Estudos mais recentes efectuados acerca da presença romana em São Miguel de Odrinhas afirmam que os vestígios existentes registam «(a) uma *villa romana* várias vezes reconstruída e/ou remodelada, cuja ocupação se inicia durante a 2ª metade do séc. I a. C. e cujo abandono, depois de uma vivência aparentemente contínua, parece ter-se verificado apenas no séc. V; (b) a já célebre construção absidal (...) [que] de forma alguma aí se encontra isolada, antes surge plenamente enquadrada nas estruturas da ampliação arquitectónica levada a efeito na

André de Resende, séc. XVI	Templo romano
A. G. Barreto, 1888	Templo romano
Gabriel Pereira, 1910	Templo romano
Félix Alves Pereira, 1907	Mausoléu romano Alto Imperial
Vergílio Correia, 1920	Baptistério paleocristão
Scarlat Lambrino, 1952	Baptistério paleocristão(muito interrogado)
D. Fernando de Almeida, 1958	Basílica paleocristã (sécs. IV-V)
Pedro Palol, 1967	Basílica paleocristã (sécs. VI-VII)
Carlos A. F. de Almeida, 1986	Edifício religioso do séc. VI
J. Cardim Ribeiro, 1991	<i>Oecus</i> da <i>villa</i> áulica Baixo-imperial
Justino Maciel, 1992	Mausoléu tardo-romano

Quadro 5 – Diversas interpretações acerca da estrutura absidal de Odrinhas

*villa em início do séc. IV d. C, sendo pois classificável (...) como um simples, ainda que monumental, oecus; (c) [que] até ao momento, nenhum testemunho descoberto em S. Miguel de Odrinhas pode, com um mínimo de segurança, ser interpretado como paleocristão»* (Ribeiro, 1993, p. 110-111).

Cardim Ribeiro defende que “*a abside está perfeitamente incluída numa villa romana e não é uma excrescência, sendo mesmo uma parte bem grande do conjunto com muros que não estão encostados aos das restantes divisões, antes continuam estes*” (Antunes, 1991, p. 3). Afirma a existência de um *oecus*, salão nobre da *domus*, em perfeita sintonia com as outras paredes edificadas nos finais do século III, aquando da transformação da casa romana numa *villa* áulica.

Todavia, a planta em volta ultrapassada da estrutura absidal, bem como a existência dos dois pequenos absidiolos laterais, distingue a estrutura de São Miguel de Odrinhas das salas tricôncias registadas em diversas *villae* baixo-imperiais da Hispânia. Efectivamente, “*las salas tetraconcas e trócoras, relacionadas com la función de salas de recepción, son mas frecuentes en los establecimientos rurales de la meseta norte y en menor medida en Lusitania, mas concretamente en el conventos emeritense, focalizada en la pertica y praefectura oeste. Una vez que salimos de este espacio y nos dirigimos hacia el litoral, este recurso arquitectónico va desapareciendo, sin que por ello se lleguen a abandonar las estancias con cabecera absidada, cuyo uso gozó de buena aceptación en la provincia*” (Rodríguez y Carvalho, 2008, p. 312).

Porém, Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1986, p. 9-37) defende que a estrutura da abside, ligeiramente ultrapassada, terá sido edificada sobre os muros preexistentes da *villa* romana. Segundo esta tese, os nichos laterais da abside – cuja planimetria e aparelho construtivo diferem entre si – corresponderiam a elementos de um compartimento da *domus*, reaproveitados e integrados, posteriormente, aquando da edificação da estrutura

absidal. Confere uma datação em torno do século VI para este edifício que afirma ter acolhido a capela-mor de uma construção religiosa primitiva, actualmente desaparecida. A sustentar tal teoria apresenta a diversidade da im-

plantação das sepulturas em torno deste edifício, bem como o capitel tardio de influência oriental, supracitado, que poderia ter feito parte dessa mesma construção inicial. Recorde-se que a reutilização das salas nobres da *villae* adaptadas a edifícios de culto, independentemente da sua orientação não canónica, constitui um modelo registado em diferentes sítios arqueológicos da Hispânia (Rodríguez y Carvalho, 2008, p. 321). Aliás, esta poderia efectivamente constituir a justificação para a preservação de apenas o edifício da abside incólume até pelo menos ao século XVI.

Não obstante, Cardim Ribeiro (Antunes, 1991, p. 3) que defende a reutilização do *oecus* da *villa*, recusando a construção independente da estrutura absidal, acaba por encontrar Carlos Alberto Ferreira de Almeida colocando a hipótese de, posteriormente, a abside ter acolhido uma primitiva ermida de São Miguel.

A mais antiga referência documental a uma ermida em Odrinhas remonta a meados do século XIII<sup>6</sup>, o que não impede a existência de um templo mais antigo, trasladado depois para o espaço do actual edifício religioso. A suportar esta tese estaria, justamente, a implantação de diversas estruturas tumulares em torno da estrutura absidal, seguindo a planta do templo, sem qualquer atenção à orientação canónica a Nascente, com paralelos registados em outros sítios arqueológicos onde foram identificadas igrejas com necrópoles associadas (Klieman, 1987, p. 498). Saliente-se, ainda, que algumas das sepulturas identificadas imediatamente a Norte da actual igreja parecem desenvolver-se sob a fachada setentrional deste imóvel, pressupondo a existência do campo santo previamente ao edifício (Fig. 13), modelo defendido aliás por Rodríguez e Carvalho segundo o

<sup>6</sup> Na «Demarcação das Três Paróquias de S. Pedro, S. Martinho, Santa Maria e S. Miguel de Sintra (*Treslado do Lemite, e demarcação das Igrejas da Villa Cintra de 10 de Dezembro de 1253*)» alude-se à existência de um “*heremitagium et Albergariam de Odrías*” (Costa, 1980, p. 105).



Figura 19 - Fragmentos de terra sigillata foceense tardia.



Figura 24 - Fragmentos de paredes caneladas de cerâmica de uso comum.

qual “dentro do processo de metamorfosis y abandono de las villae tardias resulta llamativa la transformación (y, por conseguinte, la continuidad) de aquellos establecimientos com edificios culturales y necrópolis en ermitas, santuários que en la mayoría de las ocasiones han llegado en uso hasta nuestros días, como los de Cubillana, Lacara, San Pedro, Santa Maria del Ventosos, São Vicente e Ventosa e São Miguel de Odrinhas” (2008, p. 322).

De acordo com Cardim Ribeiro, a edificação do actual imóvel da ermida dedicada a São Miguel poderá não ser anterior aos séculos XIV ou XV dada a identificação – aquando das obras de recuperação e restauro

<sup>7</sup>Onde se lê: «Sepultura de fernã(o) reganha, o velho e seus erdeyros fernã(o) de an(e)s seu bysneto e pesado(r) da cidade de Lxboa a mãdou faz(er)».

do edifício realizadas em 1988 – de uma porta na sua posição primitiva, mantendo as respectivas cantarias manuelinas *in situ*. Simultaneamente, identificou-se um conjunto de monumentos lapidares romanos e estelas medievais reaproveitados no aparelho construtivo da abside da capela-mor do templo, o que ilustra bem a ideia de Caballero e

Sánchez na qual “muchas iglesias (...) conservam elementos romanos, no solo como elementos constructivos, sino formando parte de sus suelos, de sus escalones, o simplemente recogidos en sus átrios, casi com la función de una ‘logia’ museísta” (1990, p. 442).

Relevante é, igualmente, o epitáfio de “Fernão Reganha”<sup>7</sup>, cuja lápide se encontra inscrita na parede fundeira do arcosólio que envolve a sua sepultura, implantado na fachada sul da igreja. A cronologia em torno do século XIV atribuída a esta inscrição de caracteres góticos (Pereira, 1914, p. 345) foi mais tarde avançada para os séculos XV-XVI (Sousa, 1956, p. 3-6). Pelo facto de estar fixado na estrutura do arcosólio, este elemento sugere, justamente, uma campanha construtiva do imóvel de São Miguel de Odrinhas em época quinhentista, muito embora numa sondagem efectuada junto à estrutura de arcosólio, se tenha verificado a presença de um pavimento lajeado semelhante ao do interior do templo, pelo que tal como o campanário, também a estrutura do arcosólio foi construída separadamente da igreja.

De acordo com Cardim Ribeiro “a villa romana funcionou em pleno até ao século V ou talvez até um pouco mais, esteve depois abandonada durante 500 ou 600 anos sendo, então, aproveitada a abside, porque [era] a parte mais sólida, para implantar a ermida, dali transferida” (Antunes, 1991, p. 3) alguns séculos mais tarde para edifício próprio. Porém, o conjunto artefactual recolhido em 1997 permite o estabelecimento de algumas releituras desta tese, em nosso entender, demasiado estanque, precisamente porque a solidez do edifício da abside – ímpar face às restantes estruturas da propriedade romana – denuncia a utilização privilegiada e prolongada desse espaço específico. Trata-se pois de uma questão demasiado complicada por quanto “sin embargo, resulta muy complejo establecer la sequencia cronológica existente entre villa - necrópolis y edificio de culto. Es decir, si las sepulturas se instalan debido a la existencia de un edificio de culto o si el edificio se construye con relación a las sepulturas pre-existentes” (Chavarría, 2006, p.31).

A intervenção arqueológica preventiva realizada em 1997 permitiu, por um lado, corroborar os dados obtidos nas diversas campanhas de escavação levadas a efeito anteriormente. Por outro, proporcionou a identificação de estruturas arqueológicas inéditas, bem como a exumação de espólio que possibilita reestruturar a leitura da diacronia de ocupação de São Miguel de Odrinhas.

Confirmou-se, então, a existência de estratos de revolvimento, resultantes da implantação da necrópole medieval/moderna e demais edifícios, originando não só a destruição de ténues contextos, alguns dos quais certamente mal conservados, como a remobilização dos próprios artefactos arqueológicos.

A falta de estruturas conservadas na zona anteriormente ocupada pelo antigo Museu, bem como a identificação de apenas oito sepulturas a Sudoeste da área das ruínas musealizadas, permitiu também aferir os limites da zona arqueológica, propriamente dita. Sabe-se agora que para Sul e Sudeste das ruínas de São Miguel de Odrinhas não existem mais vestígios conservados, pelo menos numa relação directa com aquelas.

Os dados obtidos pela escavação das oito estruturas tumulares consolidam o que até aqui se conhecia acerca da tipologia, cronologia e estado de conservação desta necrópole. Para mais, observou-se que o muro identificado junto às mesmas deverá relacionar-se, forçosamente, com os restantes vestígios estruturais pertencentes à propriedade romana, registando-se uma vez mais a implantação da necrópole medieval/moderna sobre as estruturas preexistentes.

Merece, todavia, especial destaque a identificação da grande cloaca da *villa* de São Miguel de Odrinhas, escavada no sentido NE-SO, em direcção à linha de água afluente da Ribeira do Falcão, localizada 400 metros para Sul. Numa primeira fase, a construção/utilização da conduta de esgoto deverá estar relacionada com a estruturação da *villa* por volta do século II. Consequentemente, o reordenamento do espaço, a contracção e o eventual abandono de algumas estruturas da *villa* áulica terão proporcionado o afastamento da função original desta cloaca, que passou a ser utilizada como lixeira em época baixo-imperial. Dada a inexistência de vestígios da cloaca na área musealizada das ruínas, defendemos que esta vala deverá, enfim, progredir sob o alpendre que delimita o espaço arqueológico a Nascente.

O conjunto artefactual exumado permitiu identificar a presença de grupos humanos neste local desde a Pré-história recente, muito embora, com maior expressão durante às épocas romana e medieval/moderna.

A novidade reside, no entanto, na identificação de fragmentos cerâmicos atribuíveis a um período em torno dos séculos VII-X, sendo, por isso, possível admitir uma contínua utilização do espaço de São Miguel de Odrinhas, desde pelo menos o Alto Império até ao final da Baixa Idade Média.

Porém, os moldes dessas ocupações, para além das evidentes estruturas da *villa* e necrópole, não são passíveis de uma caracterização efectiva. Defendemos que, seguramente, se terá assistido à desfuncionalização de determinados espaços e a apropriação e edificação de outros, culminando estas remodelações na implantação da necrópole medieval sobre as ruínas realmente já abandonadas e extintas da propriedade romana.

## Bibliografia

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1986) – «Arte paleocristã da época das invasões», *História da Arte em Portugal*, Vol. 2. Lisboa/Barcelona: Publicações Alfa, pp. 9-37.
- ALMEIDA, D. Fernando de (1958<sup>a</sup>) – «Escavações em Odrinhas», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXXIX, Lisboa, pp. 11-25.
- ALMEIDA, D. Fernando de (1958<sup>b</sup>) – «Inscrições paleo-cristãs do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXXIX, Lisboa, pp. 27-36.
- ALMEIDA, D. Fernando de (1962<sup>a</sup>) – «Arte Visigótica em Portugal. A basílica de Odrinhas», *O Arqueólogo Português*, II Série, IV, Lisboa, pp. 113-118.
- ALMEIDA, D. Fernando de (1962<sup>b</sup>) – «Notícia de Mosaicos Romanos em Odrinhas», *Revista de Guimarães*, LXXII, Guimarães, pp. 152-154.
- ANÓNIMO DE NÁPOLES – *Manuscrito da Biblioteca Nacional de Nápoles*, Séc. XVI.
- ANTUNES, José (1991) – «O templo “paleo-cristão”», caixa de «A pedra do arqueólogo», *Diário de Notícias*, caderno 2 (26 de Janeiro), p. 3.
- AZEVEDO, José Alfredo da Costa (1982) – «O Museu de Odrinhas», *Ve-lharias de Sintra*, Vol. IV, Sintra: Câmara Municipal de Sintra, pp. 55-70.
- BARRETO, António Gomes (1888) – «Antiguidades romanas do termo de Cintra». *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, 2ª série, tomo IV, Lisboa, pp. 9-12, 26-29.
- BROGIUOLO, G. P. Y CHAVARRIA, A. (2008) – “El final de las villas y las transformaciones del territorio rural en el occidente (siglos V-VIII)”, in *Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio: arquitectura y función*. Actas del IV Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón. Gijón: Ediciones Trea, pp. 193-214.
- CABALLERO ZOREDA, L. SANCHEZ SANTOS, J. C. (1990) – “Reutilizaciones de material romano en edificios de culto cristiano”, *Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano*. In *Antigüedad y Cristianismo* (Murcia), VII, pp. 431-486.
- CAETANO, Maria Teresa (1997) – *Musivária Olisiponense. Estudo dos Mosaicos Romanos de Olisipo e da “Zona W” do Ager* (Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Lisboa. Texto policopiado.
- CAPEANS, Rosa (1943) – «Antiguidades do Faião, Silva e Cabrela, Sintra», *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências*, VIII. Porto.
- CAPEANS, Rosa (1956) – «Lápides do Fação, Sintra», *O Arqueólogo Português*, série II, vol. III. Lisboa, pp. 129-133.
- CARDOZO, Mário (1956) – *Catálogo das Inscrições Lapidares do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- CARDOZO, Mário (1958) – *Novas Inscrições Romanas do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra)*. Separata da *Revista de Guimarães*, LXVIII. Guimarães.
- CARDOZO, Mário (1961) – «Novas Inscrições lusitano-romanas do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra)». *Revista de Guimarães*, LXXI. Guimarães, pp. 265-286.
- CHAVARRIA ARNAU, Alexandra (2006) – “Villas en Hispania durante la Antigüedad Tardía”, *Villas Tardoantigua en el Mediterráneo Occidental*. Alexandra Chavarría, Javier Arce y Grau Pietro Brogiolo (eds.) *Anejos de AEspA*, XXXIX, pp. 17 - 35.
- CORREIA, Vergílio (1914) – «No Concelho de Sintra – Escavações e Excursões», *O Archeólogo Português*, XIX. Lisboa, pp. 200-216.
- CORREIA, Vergílio (1928) – «Arte Visigótica», *História de Portugal*, Vol. I. Barcelos.
- COSTA, Francisco (1980) – «Demarcação das Três Paróquias de S. Pedro, S. Martinho, Santa Maria e S. Miguel de Sintra (*Treslado do Lemite*, e *demarcação das Igrejas da Villa Cintra de 10 de Dezembro de 1253*)», in *O Paço Real de Sintra. Novos subsídios para a sua história*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, pp. 103-108.
- CUNHA, D. Rodrigo da (1642) – *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa*. Lisboa.
- FERREIRA, Fernando Bandeira (1955<sup>a</sup>) – «Notícia de três inscrições lusitano-romanas de Janas e de S. Miguel de Odrinhas», *Brotéria*, LXI. Lisboa; pp. 414-424.
- FERREIRA, Fernando Bandeira (1955<sup>b</sup>) – «Nótula acerca de dois monólitos romanos de S. João das Lampas», *Revista de Guimarães*, LXV. Guimarães, pp. 337-364.
- FERREIRA, Fernando Bandeira e ALMEIDA, Justino Mendes de (1958) – «Varia Epigraphica», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, III série, nº II. Lisboa, pp. 337-364.
- FERREIRA, Manuela A. (1997) – «Vidros romanos de S. Miguel de Odrinhas (Sintra)». *Conímbriga*, Vol. XXXVI, Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 177-182.
- FONTES, Joaquim (1955) – *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- FONTES, Joaquim (1960) – *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- FONTES, Joaquim e ALMEIDA, D. Fernando (1979) – *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, 4ª edição. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- FRANÇA, José Camarate (1950) – «Inscrição romana de S. João das Lampas», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XII. Porto, pp. 348-350.
- GORGES, Jean-Gerard (1979) – *Les Villas Hispano-romaines*. Paris: Editions du Bocard.
- KIELMAN, Katia (1987) – «La orientación de las sepulturas medievales», *II Congreso de Arqueología Medieval Española* (Madrid, 19 a 24 de Enero), Tomo I: Ponencias. Madrid: Comunidad de Madrid/Asociación Española de Arqueología Medieval, pp. 572-579.
- JORDÃO, Levy Maria (1959) – *Portugallie Inscriptiones Romanas*. Lisboa.
- JUROMENHA, Visconde de (1838) – *Cintra Pinturesca ou Memoria Descriptiva da Villa de Cintra, Collares e seus Arredores*. Lisboa.
- HAUSCHILD, Theodor (1986) – «Arte Visigótica em Portugal», *História da Arte em Portugal*, Vol. I. Lisboa/Barcelona: Publicações Alfa, pp. 149-169.

- HÜBNER, Emílio (1869) – *Inscriptiones Hispaniae Latinae*; 1892, Supplementum – (*Corpus Inscriptionum Latinarum*, II). Berlim (= C.I.L. II).
- LAMBRINO, Scarlet (1952) – «Les inscriptions de S. Miguel d' Odrinhas», *Bulletin des Études Portugaises*, XVI. Coimbra: Coimbra Editora, pp. 134-176.
- MACIEL, Justino (1983) – S. Miguel de Odrinhas (Sintra): Arquitectura Romana ou Paleocristã?, dissertação policopiada. Universidade Nova, Lisboa.
- MACIEL, Justino e BARACHO, Carlos (1992) – O Monumento Absidal de Odrinhas (Sintra). *Actas da III Reunião d' Arqueologia Cristiana Hispânica* (Mao, 1988). Barcelona, pp. 93-103.
- MACIEL, Justino (1999) – *A Antiguidade Tardia do «Ager» Olisiponense: O mausoléu de Odrinhas*. Porto: Centro de Estudos de Ciências Humanas.
- MAYOR, Manuel Pereira Sotto (1642) – «Catálogo dos Piores da Igreja de S. Miguel de Cintra». *Manuscritos da Biblioteca Nacional*. Lisboa.
- MENDANHA, Vítor (1992) – «Arqueólogo desfaz um erro monumental», *Correio da Manhã*, (5 de Abril), p. 21.
- NOLEN, Jeannette (1985) – *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- PALOL, Pedro de (1967) – *Arqueologia cristiana de la España Romana*. Madrid/Valladolid.
- PEACKOCK, D. P.S.; WILLIAMS, D. F. (1986) – *Amphorae and the Roman economy*. London-New-York: Longman.
- PEREIRA, Félix Alves (1908) – *Inscrições existentes na Igreja de São Miguel de Odrinhas* (Sintra), [s.l.].
- PEREIRA, Félix Alves (1914) – «Por caminhos da Ericeira». *O Archeólogo Português*, vol. XIX. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 324-362.
- PEREIRA, Gabriel (1910) – *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*, Lisboa: Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira.
- PIMENTA, Frederico Coelho (1982-83) – «Subsídios para o estudo do material anfórico conservado no Museu Regional de Sintra», *Sintria*, I-II. Sintra: Gabinete de Estudos de Arqueologia, Arte e Etnografia, pp. 117-150.
- PINTO, Inês Vaz (2003) – *A Cerâmica comum das villae de São Cucufate (Beja)*. Coleção Teses. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- RESENDE, André de (1620) – *Codex Valentianus*, ms; cfr. C.I.L. II, p. XIV, nº 28.
- RIBEIRO, José Cardim (1974-77) – «Três novos monumentos Epigráficos da Época Romana, pertencentes à Zona Oeste do Município Olisiponense», *O Arqueólogo Português*, série III, vol. VII-IX. Lisboa, pp. 277-329.
- RIBEIRO, José Cardim (1982-83) – «Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de L. IVLIVS MAELO CAVDICVS», *Sintria*, I-II. Sintra: Gabinete de Estudos de Arqueologia, Arte e Etnografia, pp. 151-476.
- RIBEIRO, José Cardim (1991) – «Complexo Museológico de São Miguel de Odrinhas – Memória Descritiva». *Dossier de candidatura aos fundos comunitários PRODIATEC*. Texto policopiado.
- RIBEIRO, José Cardim (1993) – «A villa romana de São Miguel de Odrinhas (Sintra, Lisboa): novos dados, novas interpretações», *Livro-guia do I Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto 12-18 de Outubro). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 110-111.
- RIBEIRO, José Cardim (1994) – «FELICITAS IVLIA OLISIPO. Algumas considerações em torno do catálogo *Lisboa Subterrânea*», *Al-Madan*, IIª série. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, pp. 75-95.
- RIBEIRO, José Cardim (1997<sup>a</sup>) – «Antecedentes do novo do Complexo Museológico de Odrinhas. O culto ao Sol e à Lua», *Jornal A Pena* (27 de Fevereiro), pp. 14-15.
- RIBEIRO, José Cardim (1997<sup>b</sup>) – «Antecedentes próximos do Complexo Museológico de Odrinhas. Ressurgimento e dispersão», *Jornal A Pena* (6 de Março), pp. 18-19.
- RIBEIRO, José Cardim (1997<sup>c</sup>) – «Nascimento do Complexo Museológico de Odrinhas. O princípio vital», *Jornal A Pena* (27 de Março), pp. 18-19.
- RIBEIRO, José Cardim (2006) – «A estela funerária medieval: questões de origem e de terminologia, rotas de difusão, enquadramento histórico e função social», in *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias*. Suplemento nº 3 do *O Arqueólogo Português*. Lisboa, pp. 597-611.
- RIBEIRO, José Cardim, SIMÕES, Teresa e COELHO, Catarina (1999) – «O novo Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas – um projecto arrojado?», *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 17. Lisboa, pp. 451-456.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. GERMÁN y CARVALHO, António (2008) – «Torre Águila y las villas de la Lusitania interior hasta el occidente atlántico», in *Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio: arquitectura y función*. Actas del IV Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón. Gijón: Ediciones Trea, pp. 301-344.
- SIMÕES, J. M. dos Santos (1958) – «Breves notas sobre algumas igrejas azulejadas dos Arredores de Lisboa», *Belas Artes*. Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes, 2ª Série, nº 12. Lisboa, pp. 5-11.
- SOUSA, José Cordeiro de (1956) – *Revisão de leitura de uma Inscrição Medieval*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- SOUSA, José Cordeiro de (1959) – *Inscrições Lapidares Portuguesas do Concelho de Sintra*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- VASCONCELOS, José Leite de (1911) – *Religiões da Lusitânia*, vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, José Leite de (1940) – «Lápide romana de S. Miguel de Odrinhas, concelho de Sintra», *Portucale*, XIII. Porto, pp. 3-5.

## Anexo I – Descrição individual das sepulturas exumadas

**Sep. 1** Orientação: E-W; Tipologia da sepultura: planta rectangular de ângulos arredondados; secção de fundo plano com paredes tendencialmente paralelas. Identificação de um ossário [UE 44], composto por vários ossos longos e um crânio. Este conjunto encontrava-se localizado abaixo da área das rótulas de um esqueleto [UE 45] depositado em decúbito supino, em conexão anatómica. Os braços estirados ao longo do tronco e cruzados sobre a região da cintura. As pernas permaneciam esticadas paralelamente (U.E.'s [4], [25], [26], [44] e [45]).

**Sep. 2** Orientação: E-W. Tipologia da sepultura: planta rectangular tendencialmente trapezoidal; secção de fundo plano com paredes divergentes. Registo de um ossário [UE 46], composto por dois crânios depositados ao lado da cabeça da inumação de um esqueleto [UE 47] em conexão anatómica. Identificou-se, ainda, um outro conjunto osteológico depositado aos pés da referida inumação. O braço esquerdo do esqueleto, depositado em decúbito supino, encontrava-se esticado ao longo do tronco. O direito estava dobrado, virado para cima, sobre o tórax com a mão a tocar no crânio. As pernas estavam estendidas paralelamente (U.E.'s [5], [23], [24], [46] e [47]).

**Sep. 3** Orientação: E-W. Tipologia da sepultura: planta: rectangular de ângulos arredondados; secção de fundo plano com paredes tendencialmente paralelas. Identificação de um esqueleto em conexão anatómica [UE 48], depositado em decúbito supino. Saliente-se que o crânio desta inumação se encontrava, de modo intencional, cortado transversalmente entre a parte de trás do parietal e a cavidade nasal. Os braços encontravam-se esticados ao longo do tronco. As pernas estavam estendidas e paralelas (U.E.'s [6], [19], [20] e [48]).

**Sep. 4** Orientação: E-W. Tipologia da sepultura: planta rectangular de ângulos arredondados; secção fundo plano com paredes tendencialmente paralelas. Registou-se um esqueleto [UE 49], em conexão anatómica, depositado em decúbito supino. No entanto, o crânio encontrava-se virado com a face para baixo. Apenas o crânio assumia esta particularidade, muito provavelmente relacionada com factores pós-deposicionais. Os braços estavam esticados ao longo do tronco e cruzados sobre a cintura. Pernas distendidas paralelamente (U.E.'s [7], [21], [22] e [49]).

**Sep. 5** Orientação: E-W; Tipologia da sepultura: planta rectangular de ângulos arredondados; Secção de fundo plano com paredes tendencialmente divergentes. No interior desta sepultura apenas foi identificado um conjunto de ossos longos associados a um crânio [UE 50], eventualmente de uma criança. Este ossário localizava-se na parte superior da sepultura, nomeadamente, junto à cabeceira. Foi, ainda, identificado um exíguo núcleo de pequenos ossos, junto ao esteio final da sepultura, que poderá estar relacionado com os vestígios anatómicos do pé de uma inumação, já não conservada, em decúbito dorsal. A ser assim, teríamos aqui o exemplo da ocupação deste túmulo com um ossário [UE 50], após o levantamento de inumação original [observação feita posteriormente em gabinete] (U.E.'s [29], [31], [32] e [50]).

**Sep. 6** Orientação: E-W; Tipologia da sepultura: planta rectangular de ângulos arredondados; secção de fundo plano com paredes tendencialmente paralelas. Identificação de um esqueleto [UE 51], em conexão anatómica, depositado em decúbito supino. Registou-se uma certa desordem ao nível da deposição de alguns ossos [UE 52] na área superior do esqueleto, concretamente, na zona do tórax, através da presença de vários ossos longos e costelas completamente misturados entre si e fora do lugar devido a fenómenos pós-deposicionais. Pernas estendidas paralelamente (U.E.'s [33], [34], [35], [51] e [52]).

**Sep. 7** Orientação: E-W; Tipologia da sepultura: planta rectangular tendencialmente ovalada; secção de fundo plano com paredes tendencialmente paralelas. Identificação de uma grande amálgama de

ossos na sua maioria fracturados. Tal poderá ficar a dever-se à constituição de um grande "nível" de ossário [UE 53], a alterações pós-deposicionais ocasionadas no interior da sepultura após a colocação da última inumação, ou ainda à limpeza das sepulturas vizinhas, concentrando-se no interior deste sepulcro os restos osteológicos remanescentes de um modo indiferenciado. Neste conjunto recolheram-se três crânios, vários ossos longos, bem como, vértebras, costelas e dentes.

Sob este conjunto osteológico foi identificado um esqueleto [UE 54], em conexão anatómica, depositado em decúbito supino. Destaque para a recolha de uma moeda (ceitil, n.º inv. 1574) no interior da mão direita que se encontrava cruzada sobre a cintura para o lado esquerdo. O braço esquerdo estava dobrado sobre o tórax, atravessado para o lado direito. Pernas estendidas paralelamente (U.E.'s [38], [39], [53] e [54]).

Saliente-se que esta constitui a única sepultura, de todo o conjunto escavado nesta campanha, onde se recolheu espólio numismático. Foram, no entanto, recolhidos vários exemplares, sobretudo ceitils, em camadas de revolvimento em torno da área das sepulturas exumadas.

**Sep. 8** Orientação: E-W; Tipologia da sepultura: planta: rectangular de ângulos arredondados; secção: fundo plano com paredes tendencialmente paralelas. Foi identificado um ossário [UE 55], composto por três crânios e variado espólio osteológico, colocado sobre um esqueleto [UE 56], em conexão anatómica, depositado em decúbito supino. Os braços permaneciam esticados ao longo do tronco com as mãos cruzadas sobre a zona pélvica. As pernas estavam esticadas e paralelas.

Destaque-se que na terra que enchia esta sepultura foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica e *tesselae*. Nas restantes sepulturas exumadas verificou-se esporadicamente o aparecimento de alguns fragmentos de cerâmica algo informes (U.E.'s [40], [41], [42], [55] e [56]).



**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

